

O contexto político-científico da eugenia no eixo Brasil-Uruguai: uma análise-crítica do quadrante político proposto por Maurizio Meloni¹

The political-scientific context of eugenics in the Brazil-Uruguay axis: a critical analysis of the political quadrant proposed by Maurizio Meloni

Leonardo Dallacqua de Carvalho*
<https://orcid.org/0000-0002-7893-3092>

Angelo Tenfen Nicoladeli**
<https://orcid.org/0000-0003-3242-2606>

Resumo

Este artigo tem como objetivo testar o quadrante político desenvolvido por Maurizio Meloni como uma ferramenta analítica e didática para a compreensão política de eugenia. Considerando a intrincada complexidade tanto política quanto científica do movimento eugênico, o quadrante político é apresentado como uma estrutura analítica que visa aprofundar diversas concepções de hereditariedade e das políticas eugênicas defendidas por diferentes posicionamentos no quadrante. Embora tenha sido originalmente concebido com base em casos da eugenia europeia e estadunidense, é necessário considerar se as experiências latino-americanas podem ser contextualizadas dentro desse quadro. Neste artigo, apresentaremos brevemente quatro figuras proeminentes no campo da eugenia latino-americana do Brasil e do Uruguai e as posicionaremos dentro do quadrante como forma de exemplificar a aplicação dessa estrutura analítica: Renato Kehl, em suas distintas fases, Roquette-Pinto, Paulina Luisi e Belisário Penna. Ao final, queremos questionar se a proposta do quadrante político de Maurizio Meloni é eficaz para os estudos de caso de personagens eugenistas da América Latina ou se, na verdade, é uma ferramenta imprecisa dada a pluralidade contextual da eugenia.

Palavras-Chave: Eugenesia. Brasil. Uruguai. História das Ciências.

* Doutor em História da Ciência pela Casa de Oswaldo Cruz. Professor do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST/UEMA). E-mail: leo.historiafiocruz@gmail.com

** Doutorando em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS/COC/FIOCRUZ). E-mail: angelonicoldeli@hotmail.com

¹ Pesquisa financiada pela CAPES e Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Abstract

This article aims to test the political quadrant developed by Maurizio Meloni as an analytical and didactic tool for the political understanding of eugenics. Considering the intricate political and scientific complexity of the eugenics movement, the political quadrant is presented as an analytical structure that aims to delve into different conceptions of heredity and eugenic policies defended by different positions in the quadrant. Although it was originally conceived based on cases of European and American eugenics, it is necessary to think about whether Latin American experiences can be contextualized within this framework. In this article, we will briefly present four prominent figures in the field of Latin American eugenics in Brazil and Uruguay and position them within the quadrant as a way of exemplifying the application of this analytical structure: Renato Kehl, in his different phases, Roquette-Pinto, Paulina Luisi and Belisário Penna. In the end, we want to question whether the proposal from Maurizio Meloni's political quadrant works for case studies of eugenicist characters from Latin America or is, in fact, an inaccurate tool given the contextual plurality of eugenics.

Keywords: Eugenesia. Brazil. Uruguay. History of Sciences.

Introdução

Qual a novidade em discutir o aspecto político da eugenia? Há mais de três décadas a literatura destaca que eugenia e os projetos políticos são indissociáveis. No entanto, ideais eugenistas permanecem presentes no debate público e na adoção por determinados grupos, cujo propósito desemboca em políticas de controle populacional. Questiona-se quais políticas públicas possuem caráter eugenista, como a possibilidade de legislação para aborto de fetos com malformação. No campo da política contemporânea, ideias eugenistas são endossadas por grupos de extrema-direita que propõem políticas de exclusão para refugiados, imigrantes e grupos raciais e de gênero. Diante desse cenário, como lidar com discussões que projetam o espectro político no passado histórico da eugenia, particularmente na primeira metade do século XX? Atualmente, o termo “eugenia” carrega um estigma histórico e ideológico que serve para vincular opositores políticos a suas práticas e condená-los por ações contra a humanidade. Dessa forma, a eugenia é compreendida, em seu sentido histórico, como uma ciência utilizada apenas por grupos de extrema direita.

O risco do anacronismo é praticamente inevitável quando tentamos projetar o passado político da eugenia no presente em busca de rupturas ou continuidades. Embora haja aproximações e distanciamentos, o papel do historiador é contextualizar no âmbito de um passado selecionado. Não se pretende, portanto, desqualificar as apropriações contemporâneas da eugenia associadas a grupos de extrema-direita, por exemplo, mas sim abordar em uma perspectiva histórica as conexões entre eugenia e ideologia política, conforme proposto por Maurizio Meloni ao analisar a primeira metade do século XX.

Diane Paul², em um texto publicado em 1984, ressaltava que a eugenia foi amplamente compartilhada pela esquerda, na figura de marxistas e fabianos. Como exemplo, mencionava personagens como Beatrice Webb, Sidney Webb, George Bernard Shaw, Havelock Ellis, H. J. Laski, Graham Wallas, Emma Foldman, H.G. Wells, Edward Aveling, Julian Huxley, Joseph Needham, Muller, Paul Kammerer, entre outros.

Mark Adams, na coletânea *The Wellborn Science*³, aprofundou as relações políticas entre eugenia e ideologias políticas. Em sua revisão histórico-conceitual, menciona que um dos grandes mitos que cercam a eugenia foi caracterizá-la como um produto exclusivo de uma política reacionária ou de direita. Adams⁴ lembra que geneticistas como o russo Alexander Sergeevich Serebrovsky, o estadunidense Hermann Joseph Muller e o britânico John Burdon Sanderson Haldane eram declaradamente comunistas e defensores de princípios eugenistas. Ao apontar as múltiplas facetas no caráter político da eugenia, Adams procurava se distanciar dos essencialismos e propor uma ampliação dos métodos investigativos e comparativos desses estudos.

Não à toa, na mesma coletânea, Adams dedica um capítulo ao estudo da eugenia na Rússia, entre 1900 e 1940. O exemplo do geneticista Hermann Muller com a eugenia soviética expõe como a eugenia e política se relacionavam. Muller era um eugenista convicto e colocou a teoria de Galton numa perspectiva econômica-social. A seleção genética representaria, para ele, o passo final da revolução comunista.

Na mesma linha, Véronique Mottier⁵ sustenta que a eugenia, desde a sua origem, esteve entrelaçada na sociedade e na política, sendo constituída

² PAUL, Diane. Eugenics and the Left. *Journal of the History of Ideas*. [S.l.], v. 45, n. 4, 1984, p. 567-590.

³ ADAMS, Mark. Toward a comparative History of eugenics. In: ADAMS, Mark (org.). *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990.

⁴ Ibid., p. 220.

⁵ MOTTIER, Véronique. Eugenics and the State: Policy-Making in Comparative Perspective. In: BASHFORD, Alison; LAVINE, Philippa Levine (orgs.). *The Oxford Handbook of the History of Eugenics* (Oxford Handbooks).

tanto como ciência quanto como um movimento social. Seguindo a perspectiva de Adams, a autora cita o antropólogo francês, cofundador do Partido dos Trabalhadores Franceses e socialista, Georges Vacher de Lapouge, cujas ideias previam que os homens deveriam realizar uma “criação seletcionista”, isto é, uma espécie de “serviço sexual” em nome da nação. Outro caso mencionado por Mottier⁶ diz respeito a um movimento bolchevique surgido nos EUA e no Reino Unido, na década de 1930, que percebia a União Soviética como o único país em que existiam condições suficientes para a aplicação de uma política com base científica para o aprimoramento populacional.

Leo Lucassen⁷ atravessa esse debate discutindo a importância das teorias da reforma social, do ponto de vista eugênico, para fabianos, marxistas e social-democratas. Este autor comenta a divergência de opiniões sobre o significado da eugenia para a esquerda. Segundo ele, há um grupo que considera as teorias biológicas em sua difusão na Europa e nas Américas na primeira metade do século XX, as quais tinham grande apelo para os reformadores sociais de esquerda; outro grupo acredita apenas que a relação entre eugenia e esquerdas foi apenas um “flerte oportunista” e não se constituiu como uma posição estrutural na filosofia desses ideólogos; por fim, Lucassen delimita um terceiro grupo que argumentava que os fabianos não eram “verdadeiros socialistas”. O autor sugere que em países como Alemanha, Suíça ou na Escandinávia, as ideias e programas eugênicos eram facilmente cooptados dentro das ideologias dos estados de bem-estar e em diálogo com social-democratas.

A discussão sobre as interações entre o movimento eugenista e os feminismos têm sido um tópico debatido entre os historiadores. De acordo com Nancy Stepan⁸, há estudiosos que argumentam que a eugenia é explicitamente antifeminista e conservadora, pois busca controlar a sexualidade feminina e restringir o papel das mulheres à esfera materna e reprodutiva. Por outro lado, alguns pesquisadores destacam as iniciativas eugenistas em saúde materno-infantil, higiene sexual e educação sexual, interpretando a eugenia como mais reformista e associada às pautas da esquerda política, sugerindo até mesmo uma atitude profeminista. Contudo, considerando a diversidade

Oxford: Oxford University Press, 2010.

⁶ Ibid.

⁷ LUCASSEN, Leo. A brave new world: the left, social engineering, and eugenics in twentieth-century Europe. *International Review of Social History*. [S.l.], v. 55, n. 2, 2010, p. 269-296.

⁸ STEPAN, Nancy Leys. *The hour of eugenics': race, gender, and nation in Latin America*. Ithaca: Cornell University Press: 1991, p. 104.

e complexidade do movimento eugênico em mais de 30 países, é plausível que em algumas regiões os eugenistas fossem antifeministas, enquanto em outras adotassem uma postura profeminista.

Klausen e Bashford⁹, ao examinarem as relações entre feminismo e eugenia, identificam duas perspectivas na historiografia. Uma delas minimiza o interesse genuíno de muitas feministas nas ideias e políticas eugênicas voltadas para a melhoria da raça por meio da reprodução seletiva. Argumenta-se que as relações entre feminismo e eugenia eram estratégicas, uma tática dentro da grande luta pela emancipação das mulheres.

Em meio a esse debate, posicionamos o quadrante de Maurizio Meloni, que pretende, a partir dos seus atores intelectuais, criar uma proposta didática em forma de um quadrante político para a eugenia. De saída, embora se possa considerar o sucesso de suas escolhas na análise de alguns reconhecidos personagens intelectuais e políticos em diálogo com a engenharia social da eugenia, a fórmula não pode ser compreendida para outros contextos, como o da formação da eugenia latino-americana.

Embora Meloni reconheça que não seja possível generalizar o seu quadrante, há um perigo em sugerir uma eugenia acabada e definida. Essa hipótese vai de encontro à historiografia da eugenia comparada, na qual as particularidades contextuais e dos seus atores intelectuais oferecem formas ao que chamamos de uma eugenia polimorfa.

Neste artigo, apresentaremos brevemente quatro figuras proeminentes no campo da eugenia latino-americana e as posicionaremos dentro do quadrante como forma de exemplificar a aplicação dessa estrutura analítica: Renato Kehl, em suas distintas fases, Roquette-Pinto, Paulina Luisi e Belisário Penna. Ao final, questionaremos se a proposta do quadrante político de Maurizio Meloni funciona para os estudos de caso de personagens eugenistas da América Latina ou se é, na verdade, uma ferramenta imprecisa dada a pluralidade contextual da eugenia.

Eugenia e o Quadrante Político

Até o momento, procuramos deixar nítido, com base na historiografia recente, o quão amplo, complexo e diverso foi o movimento eugênico. Assim

⁹ KLAUSEN, Susanne; BASHFORD, Alison. Fertility control: Eugenics, neo-malthusianism, and feminism. In: BASHFORD, Alison; LEVINE, Philippa. *The Oxford handbook of the history of eugenics*, 2010, p. 109-110.

como afirma Vanderlei de Souza¹⁰, a eugenia se caracteriza exatamente “[...] devido a essa capacidade camaleônica de servir aos diferentes projetos ideológicos”. Desse modo, a ideia não é desidratar projetos eugênicos vinculados historicamente às direitas e à extrema-direita, mas sim ampliar o escopo de análise da eugenia a partir do quadrante de Meloni.

Maurizio Meloni e o significado da sua obra

Maurizio Meloni é um sociólogo e teórico social que estuda as relações entre biologia e sociedade. Ele é atualmente professor associado do Instituto Alfred Deakin de Cidadania e Globalização na Universidade Deakin, na Austrália, e possui doutorado em Teoria Social pela Universidade de Catania, na Itália, e mestrado em Filosofia pela Universidade de Nápoles.

Meloni é autor de vários livros e artigos sobre a história e a filosofia da biologia e da medicina, com ênfase na epigenética. Um de seus livros mais importantes é *Political Biology: Science and Social Values in Human Heredity from Eugenics to Epigenetics*¹¹, no qual ele analisa como as concepções de hereditariedade e plasticidade biológica mudaram ao longo do tempo e como elas foram influenciadas por valores sociais e políticos. Nesse livro, ele propõe um quadrante político para a eugenia, baseado em dois eixos: o grau de intervenção humana na herança e o grau de igualdade social buscado pela intervenção. Meloni mostra como diferentes formas de eugenia se encaixam nesse quadrante e como se relacionam com as ideologias políticas dominantes. O quadrante político apresenta-se como uma ferramenta didática e teórica para enquadrar atores intelectuais envolvidos com a eugenia e sua possível associação com determinados espectros políticos.

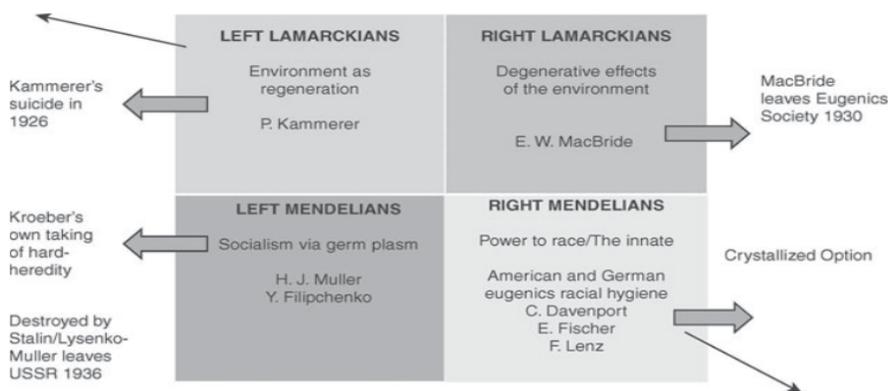
Considerando as várias eugenias que surgiram em distintos contextos, aliadas a diferentes movimentos político-científicos ideológicos, o autor constrói o que ele chama de quadrante político (Figura 1) dos movimentos eugênicos, onde, no “eixo x”, há a diferenciação entre direita e esquerda política, e, no “eixo y”, a diferença entre os mendelianos e os neolamarckistas. Em linhas gerais, o autor caracteriza quatro possíveis eugenias: mendelistas de direita e de esquerda, e neolamarckistas de direita e de esquerda. Cada

¹⁰ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. *Revista Brasileira de História da Ciência*, [S.l.] v. 1, n. 2, 2008, p. 146-163.

¹¹ MELONI, Maurizio. *Political biology: Science and social values in human heredity from eugenics to epigenetics*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016.

uma das quatro posições do quadrante tem sua concepção distinta de hereditariedade e defende políticas eugênicas específicas, coerentes com sua visão de mundo e com o projeto de sociedade que acreditam, sendo todos distintos entre si. Embora Meloni tenha desenvolvido seu quadrante analisando casos da eugenia europeia e estadunidense, acreditamos ser fundamental trazer essa fórmula para as experiências latino-americanas, uma vez que sua aplicação pode ser problemática justamente pela maneira como a eugenia se desenvolveu nesses países.

Figura 1: Quadrante Político da Eugenia de Maurizio Meloni



Fonte: Retirado de Meloni¹²

De acordo com Meloni¹³, até a década de 1930, o debate acerca das implicações sociopolíticas derivadas dos estudos sobre a hereditariedade humana era plural e complexo. As interpretações das teorias de August Weissmann da continuidade do plasma germinativo, as leis mendelianas, e aceitação ou não da herança dos caracteres adquiridos, ou mesmo a abrangência da teoria darwiniana da evolução, não eram a princípio óbvias e incontestáveis. Embora atualmente a eugenia seja frequentemente associada a um fenômeno de direita que dialoga com preceitos científicos da hereditariedade “dura”, ou mendeliana, naquela época eram possíveis outras interpretações tanto de cunho científico-epistemológico quanto políticas. Ao longo do tempo essa pluralidade se perdeu; entretanto, na primeira metade do século XX, tanto a

¹² Ibid., p. 216.

¹³ Ibid., p. 93.

direita quanto a esquerda conseguiram politizar a hereditariedade mendeliana e neolamarckista¹⁴. Por hereditariedade mendeliana compreendemos a noção de hereditariedade que exclui necessariamente qualquer herança de caracteres adquiridos, ou seja, a herança é definida pelo conteúdo das células germinativas. Na hereditariedade neolamarckista, reconhece-se a influência do meio ambiente e a transmissão de características adquiridas ao longo da vida de um organismo para seus descendentes. Em outras palavras, as características desenvolvidas durante a vida podem ser herdadas pelos descendentes.

Como aponta Maurizio Meloni¹⁵, antes da cristalização¹⁶ da noção de eugenia, ou seja, antes de essa noção de eugenia ser associada à direita política, que se baseia em uma hereditariedade mendeliana, as concepções eram variadas. Sob uma noção neolamarckista de hereditariedade, tanto valores racistas quanto político-reacionários poderiam ser mobilizados em nome dos efeitos do ambiente. Em contrapartida, discursos igualitários, radicais e comunistas também foram defendidos por eugenistas que adotavam a hereditariedade mendeliana¹⁷.

Nas próximas seções, daremos maior ênfase às correntes eugênicas menos conhecidas. A eugenia mendeliana de direita, ou a concepção “cristalizada” do movimento — aquela caracterizada pela busca da pureza racial, eternizada no Holocausto nazista, na ideologia nacionalista, anticomunista e antisemita, que resultou em esterilizações forçadas e genocídio nos campos de concentração, e que proibiu casamentos e realizou experimentos horríveis com gêmeos nos campos de Auschwitz¹⁸ — terá pouco espaço nas próximas páginas.

Como parte do objetivo do texto, faremos as críticas às dimensões do movimento eugênico que se enquadram em três dos quatro quadrantes de Meloni: Eugenismo Neolamarckista de direita, Eugenismo Neolamarckista de esquerda e Eugenismo Mendeliano de esquerda.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Utilizando o termo “cristalizada” do historiador das ciências Loren Graham, Meloni argumenta que a eugenia cristalizada se refere àquela que se tornou amplamente conhecida após o término da Segunda Guerra Mundial, sendo considerada por muitos como o único exemplo válido de eugenia. A eugenia cristalizada, representada no espectro pelo eugenismo mendeliano de direita, reflete um alinhamento particular entre a ciência e os valores políticos que culminaram no Holocausto Nazista (Ibid., p. 94).

¹⁷ Ibid.

¹⁸ LEVINE, Philippa. *Eugenics: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

Eugenismo neolamarckista de direita

Ideias lamarckistas são geralmente associadas com reformas sociais, não sendo vinculadas ao radicalismo político e ao socialismo¹⁹. Essa aparente afinidade do lamarckismo com noções da esquerda parece coerente quando observamos como a eugenia nazista abraçou uma defesa weismaniana completamente antilamarckista. Entretanto, essa concepção é enganosa. O neolamarckismo compôs um elemento importante de uma agenda racista e classista do século XIX que continuou ao longo do século XX²⁰.

Contudo, é preciso explicar bem, como aponta Meloni²¹:

Para ser justo com Lamarck, no entanto, precisamos acrescentar que sua vertente de lamarckismo era uma versão truncada da herança de caracteres adquiridos, que enfatizava a recepção passiva e a transmissão de características deletérias em vez da aquisição de características positivas em resposta ativa a seus ambientes.

Em outras palavras, na interpretação de Meloni²², a eugenia neolamarckista de direita tinha seu foco em como o ambiente seria uma fonte constante de morbidade, capaz de permanentemente alterar, enfraquecer e envenenar a hereditariedade. Portanto, para ser identificado como pertencente a essa corrente do eugenismo, o indivíduo precisaria enfatizar necessariamente as propriedades patogênicas do ambiente, frequentemente referidas como “venenos raciais”, e ressaltar a transmissão hereditária dessas características deletérias adquiridas, acreditando que esse processo irremediável impede os grupos afetados de exercerem sua cidadania plenamente²³.

A primeira escola de pensamento que se enquadra nesses critérios é o degeneracionismo médico, uma corrente que circulou amplamente na literatura médica e social no século XIX e início do século XX. Os degeneracionistas pressupunham a presença dos “venenos raciais”, que incluíam o álcool e doenças venéreas, além da industrialização acelerada, condições de

¹⁹ MELONI, op. cit., p. 96.

²⁰ Ibid., p. 97.

²¹ Ibid., p. 97.

²² Ibid., p. 98.

²³ Ibid., p. 98.

higiene precárias, superpopulação e a presença de favelas, onde os habitantes eram considerados viciados e ignorantes²⁴.

Outra variante distinta do neolamarckismo de direita, que surgiu após o degeneracionismo médico, foi o racismo neolamarckista. Essa ideologia se baseava na concepção de que as raças eram formadas diretamente pela herança dos caracteres adquiridos e pelas influências do meio ambiente. Acreditava-se que as raças se desenvolviam por meio da herança das adaptações determinadas localmente²⁵.

Tanto o degeneracionismo médico quanto o racismo neolamarckista compartilhavam a crença de que hábitos positivos e benefícios da educação e do progresso moral só poderiam ser herdados pelas chamadas “raças superiores” ou culturas avançadas. Como Meloni evidencia, era um “progresso para alguns, não para todos”²⁶.

Eugenismo neolamarckista de esquerda

A confiança no poder da regeneração é o traço distintivo do eugenismo neolamarckista de esquerda. Enquanto o eugenismo mendelista de direita defendia a permanência de linhagens raciais puras e os neolamarckistas de direita assumiam uma certa assimetria, na qual apenas as “raças superiores” poderiam progredir, o eugenismo neolamarckista de esquerda reconhecia um grande poder regenerativo causado pelo ambiente.

Dessa maneira, ambientes comuns poderiam transformar raças distintas em raças homogêneas. Em vez de enfatizar os processos degenerativos e influências ambientais prejudiciais, eles se concentravam na regeneração e rejuvenescimento ambiental, que promoveriam, assim, uma transformação na humanidade²⁷.

Meloni²⁸ destaca essa corrente eugenista por meio do exemplo do biólogo austríaco Paul Kammerer. O autor chama a atenção para o fato de que é importante compreendermos a teoria de Kammerer não como um afastamento do movimento eugenista, mas como uma forma alternativa a ele,

²⁴ Ibid., p. 98.

²⁵ Ibid., p. 99.

²⁶ Ibid., p. 100.

²⁷ Ibid., p. 113.

²⁸ Ibid., p. 117.

ção eugenista quanto Davenport nos EUA ou Pearson na Inglaterra. Segundo Meloni²⁹:

o rejuvenescimento e a regeneração promoveriam a transformação biológica da humanidade. Estas não foram apenas ideias abstratas, mas também uma série de técnicas invasivas. Os métodos de Steinach para rejuvenescimento incluíram transplante testicular, vasoligação e vasectomia. Kammerer sugeriu o uso de implantes testiculares para influenciar o desejo sexual em homossexuais e hermafroditas e a administração de radiação leve nos ovários das mulheres para aumentar sua capacidade de amamentar.

Em outras palavras, a eugenia de Kammerer poderia ser entendida como “produtiva”. Longe de ser apenas uma crítica ao viés selecionista dos mendelianos de direita, que só podiam alterar a distribuição de genes bons ou maus sem criar traços, a eugenia de Kammerer poderia transformar a ação política em uma “tecnologia orgânica”, deixando um legado positivo para as próximas gerações³⁰.

Um intelectual que nos ajuda a complexificar essa distinção entre o neolamarckismo de esquerda e direita é Belisário Penna. Ele pode ser enquadrado tanto à direita como à esquerda tendo em mente o quadrante de Meloni. Isto porque ele compreendia o ambiente tanto do ponto de vista da degeneração como da regeneração. O autor de *Saneamento do Brasil* (1918) acreditava que, por meio do desenvolvimento de uma “consciência sanitária” nacional alinhada à eugenia de caráter preventivo, a raça brasileira poderia ser transformada pelo ambiente. Desse modo, reformas sanitárias lideradas pelo Estado permitiram uma regeneração da raça brasileira. Medidas de cerceamento, por sua vez, também consistiram em método importantes para evitar a degeneração, como no caso do alcoolismo ou da malária³¹.

Ao indicar a consciência sanitária como proposta de regeneração do ambiente, Penna pode ser visto flertando com o quadrante à esquerda. Contudo, tal perspectiva se desfaz quando analisamos sua trajetória política e produções

²⁹ Ibid., p. 113.

³⁰ Ibid., p. 111.

³¹ CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. Sanear é eugenzar: a eugenia “preventiva” de Belisário Penna a serviço do saneamento do Brasil, 1920-1930. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 29, n. 3, p. 645-660, 2022. Ver também: CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil: saúde pública, política e integralismo na trajetória de Belisário Penna (1868-1939)*. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro: 2019.

intelectuais. Sua atividade e discurso político condenavam os movimentos de esquerda e, no final de sua vida, ele se aliou aos integralistas, que estavam no espectro político antagônico ao que consideramos como esquerda naquele momento. Seu pensamento político estava conectado às ideias nacionalistas, de modo que a regeneração racial transitava por esse sentimento. Como lembra Castro-Santos³², o movimento sanitário da Primeira República, do qual Penna liderou, dialoga com um projeto ideológico de construção da nacionalidade.

Na conferência realizada na Universidade do Paraná, em 1921, Penna expõe que entendia seu pensamento como algo revolucionário, ao admitir que não existem superioridades entre raças, mas sim mentalidades mais adiantadas em relação a outras. Na mesma palestra, afirmou que o processo humano caminhava para as misturas raciais, de modo que, no futuro, existiria uma raça única³³. Qualquer tentativa de enquadrar Penna exclusivamente como um neolamarckista de direita ou de esquerda ignora seu próprio pensamento médico e político, bem como as flutuações que eram comuns no contexto eugênico brasileiro.

Eugenismo mendeliano de esquerda

A breve experiência da eugenia soviética é talvez o melhor exemplo, segundo Meloni, de um dos capítulos esquecidos da história da eugenia: o mendelismo de esquerda, que ocupa o canto inferior esquerdo do quadrante político³⁴. Eugenistas mendelianos de esquerda referem-se “a um compromisso direto e inequívoco com um projeto eugênico com o objetivo de transformação socialista”³⁵.

Diferentemente dos neolamarckistas, que priorizavam os processos ambientais, os mendelistas argumentavam que o plasma germinativo era o elemento mais importante³⁶. Para esses eugenistas, a hereditariedade não significava uma escravidão ao passado genético, mas sim a capacidade de moldar o futuro³⁷.

³² CASTRO-SANTOS, Luiz Antonio de. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.

³³ PENNA, Belisário. *Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna na Universidade do Paraná*. (Fundo Belisário Penna, DAD-COC). 2 ago. 1921, p. 4.

³⁴ Meloni, op. cit., p. 118.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid., p. 119.

³⁷ Ibid., p. 121.

Embora discursos hierárquicos de inferioridade e superioridade racial e social não estivessem presentes nas discussões da eugenia soviética, leis de esterilização compulsória aos moldes da legislação estadunidense, foram ocasionalmente propostas³⁸. Ao longo da década de 1920, a eugenia soviética começou a sofrer ataques ideológicos declarados.

Nas palavras de Meloni³⁹:

a tomada do poder pelos nazistas em 1933, a importância da genética e da biologia para a ideologia nazista e o surgimento do lisenkoísmo após 1934 trouxeram mais desonra pública à eugenia soviética, embora a genética de alguma forma tenha sobrevivido disfarçada.

O cancelamento do Congresso Internacional de Genética, que seria sediado em Moscou no ano de 1937, representou a derrota final da genética e da eugenia soviética⁴⁰. O desaparecimento desse último quadrante da eugenia é simbolizado pela saída de Muller e Lysenko da URSS em 1936⁴¹. A rigor, os intelectuais eugenistas escolhidos por Meloni parecem se adequar ao seu quadrante, mas talvez seja incapaz de aplicar um único quadrante como fórmula para eugenistas em outros contextos.

Hermann Joseph Muller, geneticista estadunidense, representa um bom exemplo de um eugenista mendeliano de esquerda. Muller foi um dos pioneiros da genética clássica, aluno e colaborador de Thomas Hunt Morgan, entre 1912 e 1915, na famosa “sala das moscas”, na Universidade de Columbia. Ambos foram fundamentais para o desenvolvimento da teoria cromossômica e para estabelecer as moscas drosófilas como organismo modelo para estudos genéticos: “Contra a tendência reacionária da eugenia americana, Muller queria mostrar como a genética ‘pertencia à esquerda política’”⁴².

Na concepção de Muller, uma vez que os caracteres adquiridos não eram hereditários, a criação ou a educação pouco poderiam contribuir para a transformação social racial com a qual ele sonhava⁴³. Muller tentou convencer o próprio Stalin, enviando-lhe uma carta, de que a genética representaria o passo final da revolução comunista. Entretanto, Stalin não foi convencido.

³⁸ Ibid.

³⁹ Ibid., p. 122.

⁴⁰ Ibid., p. 122.

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid., p. 125.

⁴³ Ibid., p. 127.

Na verdade, ficou bastante descontente, o que culminou na necessária saída de Muller da Rússia Comunista⁴⁴. Nancy Stepan⁴⁵ descreve Muller da seguinte forma:

Herman J. Muller, ganhador do prêmio Nobel de genética (por descoberta, em 1927, da mutação genética induzida por Raios-X), era um socialista que, na década de 1930, defendeu ativamente um esquema de seleção genética através da inseminação artificial com o esperma superior de “grandes homens”.

Edgard Roquette-Pinto, por sua vez, pode ser considerado, de maneira geral, um eugenista mendeliano de inclinação à esquerda no Brasil, destacando-se nos debates do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia. No entanto, a abordagem imprecisa e generalizada dos quadrantes não reflete adequadamente a diversidade de abordagens dos eugenistas em seus respectivos países, moldando projetos eugênicos de acordo com os contextos sociais, econômicos e raciais específicos.

Como destacado, no contexto brasileiro, Roquette-Pinto poderia ser situado, com certa dificuldade, no quadrante de um “mendeliano de esquerda”. Isso se deve ao fato de que, ao contrário do neolamarckismo, o antropólogo brasileiro não adotava essa perspectiva, sendo completamente equivocado posicioná-lo como um “mendeliano de direita”. Na verdade, ele representa um caso de um importante intelectual que não se encaixa facilmente nesse quadrante. A abordagem eugênica de Roquette-Pinto surpreenderia Meloni com as diversas variantes da eugenia presentes no Brasil, conforme especificado pelo próprio intelectual brasileiro. Isso é evidente, por exemplo, em suas conclusões de que a eugenia se tornou um assunto da moda, com zoólogos e botânicos escrevendo sobre o tema⁴⁶. Mesmo considerando a perspectiva de “mendeliano de esquerda”, é possível sustentar que seu projeto de aperfeiçoamento humano baseado na eugenia represente um compromisso “direto” e “inequívoco” com uma transformação socialista.

Roquette-Pinto, como relatado por Vanderlei Sebastião de Souza, utilizou argumentos eugênicos para se opor à entrada de imigrantes “doentes mentais”, cuja condição era considerada hereditária. Embora tenha defendido políticas públicas como saúde e educação para a população nacional, o

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ STEPAN, op. cit., p. 217.

⁴⁶ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em Busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico Brasileiro (1905-1935)*. Rio de Janeiro: FGV Editora e Editora Fiocruz, 2017, p. 365.

antropólogo também acreditava no processo de branqueamento. Segundo Souza, ao discutir o cruzamento entre brancos e negros, Roquette-Pinto “[...] tendia na maioria das vezes à prevalência das características antropológicas dos primeiros”⁴⁷.

Embora tenha sido classificado como pertencente ao “eugenismo mendeliano de esquerda”, Roquette-Pinto é uma personagem estranha ao quadrante de Meloni. Sua preocupação era mais voltada para a compreensão social e biológica da população nacional do que para a adesão a um espectro político específico. O antropólogo era um mendeliano preocupado com a confusão entre eugenia e herança biológica — não é por acaso que tinha como referências Charles Davenport e Eugen Fischer. Conforme explicado por Souza, o progresso no Brasil de Roquette-Pinto era muito mais problema da “[...] desorganização da política nacional, à falta de instrução e saúde”⁴⁸, do que uma questão de herança biológica e miscigenação.

Roquette-Pinto exemplifica como a discussão sobre eugenia precisa ser analisada dentro dos contextos políticos, raciais e científicos de cada país. Enquanto Hermann Joseph Muller tentou persuadir Stalin de que a eugenia era a fase final da revolução comunista, não há evidências de que Roquette-Pinto tenha adotado uma abordagem semelhante em sua produção intelectual. Sua análise das populações, eugenia mendeliana e do Brasil está enraizada em questões antropológicas e genéticas, por meio de um discurso nacionalista militante típico do início do século XX brasileiro. As ciências guiavam sua missão nacional de (re)descobrir o país e sua população, considerada em desvantagem racial.

Eugenismo mendeliano de direita

Essa corrente surgiu no início do século XX, na Europa e nos Estados Unidos, e foi caracterizada por uma visão conservadora e elitista da sociedade. Os defensores da eugenia mendelista de direita sustentavam a crença de que as características humanas eram determinadas por fatores hereditários e que era viável aprimorar a raça humana por meio da seleção e controle da reprodução. Eles promoviam políticas como esterilização compulsória, proibição de casamentos inter-raciais e incentivo à natalidade de indivíduos

⁴⁷ Ibid., p. 334.

⁴⁸ Ibid., p. 378.

considerados superiores. Princípios como determinismo genético, hierarquia racial e um profundo elitismo fundamentavam as ideias desses eugenistas.

Essa corrente teve um papel significativo na ascensão do nazifascismo na Europa. Na Alemanha nazista, a eugenia mendelista de direita foi usada para justificar a perseguição e o extermínio de judeus, ciganos e outros grupos considerados inferiores. O Holocausto e a higiene racial representam duas das consequências mais trágicas da eugenia mendelista de direita. O Holocausto foi o genocídio sistemático de cerca de seis milhões de judeus pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. A higiene racial envolveu políticas nazistas de esterilização e eutanásia forçada de pessoas consideradas geneticamente inferiores, incluindo aquelas com deficiência intelectual, doenças mentais e congênitas. De acordo com Stefan Kühl⁴⁹ mais de 1% dos alemães foram oficialmente esterilizados.

Do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos, desde o começo do século XX lideraram um programa mendeliano que visava a esterilização dos “incapazes”. Estados como Carolina do Norte, Michigan, Virgínia e Califórnia estão entre os muitos que adotaram políticas de esterilização em nome da “correção eugênica” dos incapazes. Protagonistas da eugenia estadunidense, como o zoólogo Charles Davenport, acreditavam que a inferioridade era um traço permanente dominante no contexto mendeliano⁵⁰.

No entanto, um dos problemas apontados em relação a Meloni é sua tendência a acreditar em uma agenda única para os quadrantes no contexto da eugenia global, ignorando que um dos princípios fundamentais de seu sucesso está na sua capacidade de se adaptar facilmente a diferentes contextos.

O caso de Renato Kehl é ainda mais impactante, pois desafia a estrutura proposta por Meloni em pelo menos três aspectos. Ao analisarmos sua trajetória, inicialmente vinculada ao movimento sanitarista e posteriormente à Liga Brasileira de Higiene Mental, e considerando sua mudança de orientação no final da década de 1920 após uma viagem à Europa, é improvável que Renato Kehl possa ser classificado de forma única.

A obra de Vanderlei Sebastião de Souza sobre Renato Kehl oferece uma análise abrangente do pensamento do autor. Para evitar repetições, podemos pensar três exemplos das produções intelectuais de Kehl: *Eugenia e Medicina*

⁴⁹ KÜHL, Stefan. *The Nazi connection: Eugenics, American racism, and German National Socialism*. New York: Oxford University Press, 1994.

⁵⁰ BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 101.

*Social*⁵¹ (1923[1920]), *Como escolher um bom marido*⁵² (1935 [1924]), *Aparas eugênicas*⁵³ (1933). Se tentássemos situá-las nos quadrantes propostos, cada uma poderia facilmente ocupar uma posição distinta das outras.

Inicialmente, se olharmos para o quadrante “neolamarckismo de esquerda”, cuja ideia sugere que ambientes poderiam moldar raças distintas em uma única direção, *Eugenia e Medicina Social* poderia ser uma obra enquadrada nesse contexto. Neste livro, Kehl argumenta que o brasileiro seria uma raça forte e representante da resistência, caso não fossem os males ambientais como doenças, alimentação, organismo e clima⁵⁴. À época, Kehl via a eugenia e o saneamento como conceitos semelhantes, alinhados com o patriotismo.

De outra perspectiva, se considerarmos o quadrante “neolamarckismo de direita”, no qual o ambiente é definido como uma fonte nociva capaz de modificar, degenerar e prejudicar a hereditariedade, o título *Como Escolher um Bom Marido* pode se encaixar. Nesse caso, o médico eugenista teria uma função abrangente, envolvendo perfis médicos como sanitarista, clínico, experimentalista e sociólogo. Sua missão, fundamentada no conhecimento moderno da hereditariedade, consistiria em “[...] estudar taras e vícios; preocupa-se com o indivíduo, em particular, visando-o do ponto de vista coletivo; procurar resolver os problemas que dizem respeito à sua origem, para o fim de uma seleção contínua e segura de sua prole”⁵⁵. Portanto, a proposta de um atestado sanitário para o casamento entra no escopo do eugenista para identificar elementos que enfraquecem e prejudicam a hereditariedade, especialmente relacionados ao ambiente.

Por fim, Kehl também se enquadra na categoria do “mendelianismo de direita”, especialmente ao considerar o elemento rígido da hereditariedade que deu origem às agendas raciais e classistas. Em *Aparas eugênicas*, ele recomenda “Evitar casamento com pessoa de classe inferior e, sobretudo, com indivíduos de raça diferente e com mestiços das primeiras gerações. Está provado que tais casamentos são disgênicos, dando origem a tipos inferiores física, psíquica e moralmente”⁵⁶.

⁵¹ KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923 [1920].

⁵² KEHL, Renato. *Como escolher um bom Marido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ariel Editora LTDA, 1935 [1924].

⁵³ KEHL, Renato. *Sexo e civilização: aparas eugênicas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.

⁵⁴ KEHL, op. cit., 1923, p. 223-224.

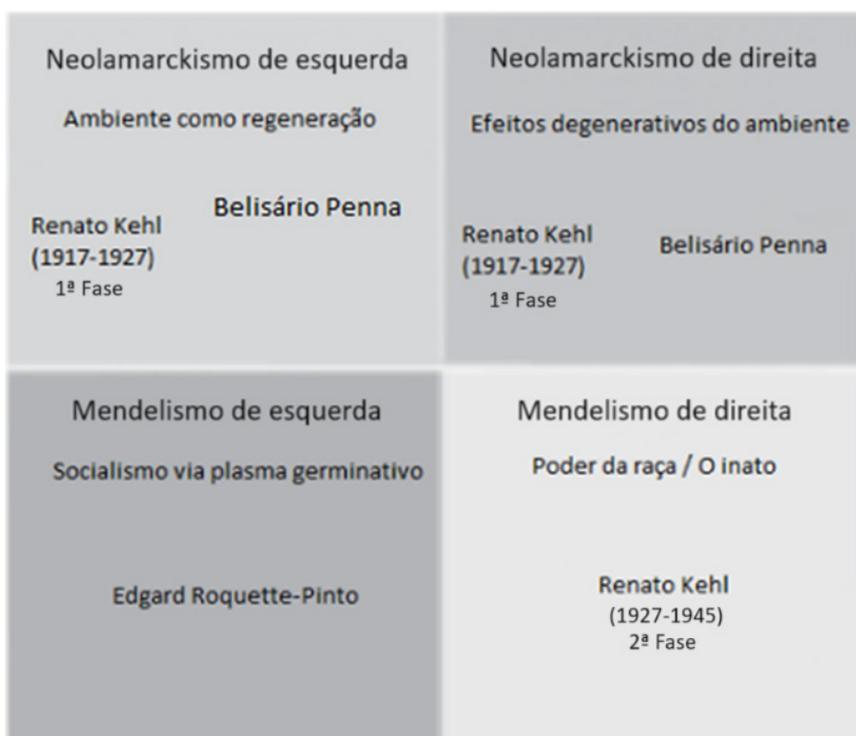
⁵⁵ KEHL, Renato. *Como escolher um bom Marido*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ariel Editora LTDA, 1924, p. 36.

⁵⁶ KEHL, op. cit., 1933, p. 86.

Cada uma dessas obras corresponde a uma fase da trajetória de Renato Kehl, de modo que o quadrante de Meloni ofuscaria a sua compreensão de eugenia. Vanderlei Sebastião de Souza salienta que, na visão dos eugenistas brasileiros, a eugenia servia a diferentes concepções de nação, pois “[...] a força do movimento eugênico ganhava destaque exatamente devido a essa capacidade camaleônica de servir aos diferentes saberes ‘biossociais’”⁵⁷.

Na Figura 2 procuramos apontar como os três principais nomes da eugenia latino-americana discutidos até o momento — Renato Kehl, Belisário Penna e Roquette-Pinto — podem ser enquadrados.

Figura 2: Quadrante Político da Eugenia com Eugenistas Brasileiros



Fonte: Retirado e adaptado de Meloni⁵⁸.

⁵⁷ SOUZA, op. cit., 2019, p. 303.

⁵⁸ MELONI, op. cit., p. 94.

O estudo de caso de Paulina Luisi e o Quadrante Político da Eugenia

Paulina Luisi foi uma importante feminista liberal do Uruguai, que defendeu a eugenia até mesmo no seu último livro, publicado em seu ano de morte em 1950⁵⁹. Considerando o quadrante político que descrevemos, em que posição a personagem estaria localizada? Luisi é uma personagem intrigante, pois apresenta desafios significativos ao quadrante. Ela foi uma importante líder feminista uruguaia, envolvida na formação do partido socialista e reconhecida pela sua luta pelo sufrágio feminino. No entanto, também defendeu práticas de eugenia “negativa”, como o aborto e esterilizações.

O ensaio *Algunas ideas sobre eugenia*, de Paulina Luisi⁶⁰ pode ser situado no quadrante neolamarckista de direita, como representado na Figura 1. Apesar de alinhar-se politicamente com o progressismo e adotar uma compreensão do desenvolvimento humano neolamarckista, a autora também defende políticas de eugenia “negativa” que destacam o impacto degenerativo do ambiente.

Embora o texto não contenha passagens diretas que o caracterizem como vinculado à esquerda política, suas concepções podem ser inferidas indiretamente em trechos, como quando ela advoga pela melhoria das condições de trabalho para homens e mulheres em prol da raça⁶¹:

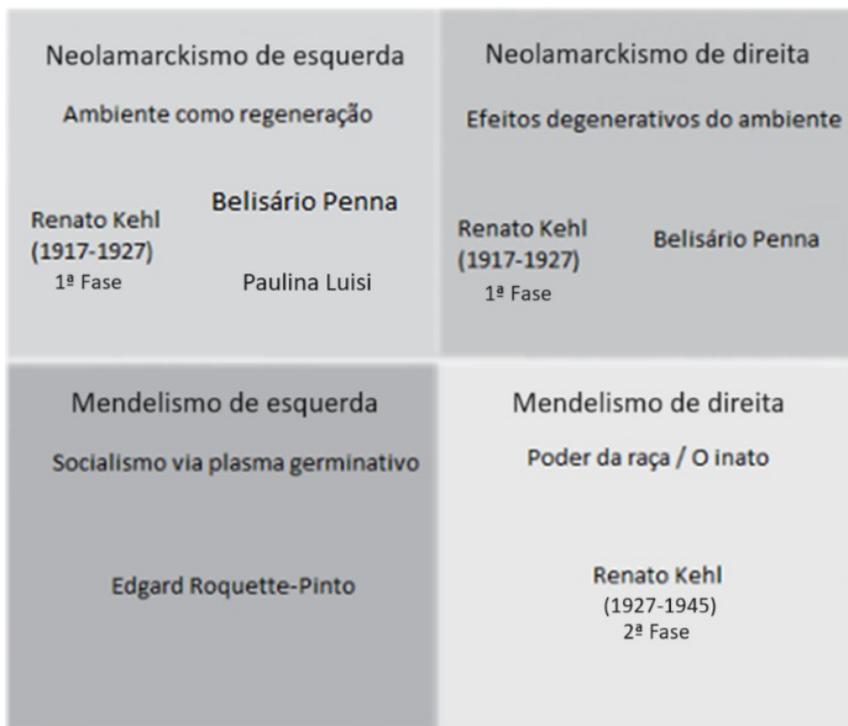
É uma necessidade vital para o futuro da raça que os Estados providenciem urgentemente uma melhora dos ambientes profissionais, a fim de suprimir ou diminuir todas as causas que atuam extrinsecamente no organismo dos pais, enfraquecendo-os ou empobrecendo-os.

⁵⁹ LUISI, Paulina. *Pedagogia e Conducta sexual*. Montevideo: El siglo ilustrado, 1950.

⁶⁰ LUISI, Paulina. *Algunas ideas sobre Eugenia*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1916; NICOLADELI, Angelo Tenfen. Tradução comentada do artigo de Paulina Luisi publicado em 1916, “Algunas ideas sobre Eugenia”. *Revista Brasileira de História da Ciência*, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 233-248, 2022; NICOLADELI, Angelo Tenfen. *O pensamento de Paulina Luisi (1875-1950) em “Algunas ideias sobre eugenia”: uma análise das potencialidades para discussão de história da ciência na educação científica*. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) PPGECT/UFSC. Florianópolis: 2023.

⁶¹ NICOLADELI, op. cit., 2022, p. 257.

Figura 3: Quadrante Político da Eugenia com Paulina Luisi



Fonte: Retirado e adaptado de Meloni⁶²

Em certo ponto, Luisi argumenta que os homens são mais prejudiciais à espécie humana do que as mulheres⁶³:

Notemos, de passagem, que a esterilização não oferece perigos iguais para ambos os sexos; completamente inofensiva nos homens, a operação é delicada nas mulheres, embora o perigo seja diminuído com o progresso da cirurgia moderna. Observamos também que o homem é muito mais prejudicial à espécie do que a mulher, devido ao maior número de seres que pode gerar.

Em outro trecho, Luisi demonstra uma preocupação com as mães: “Não é incomum entre certas pessoas que um homem, sob o efeito do álcool, busque

⁶² MELONI, op. cit., p. 94.

⁶³ NICOLADELI, op. cit., 2022, p. 243.

justamente nesse estado, exercer seus direitos conjugais sobre sua esposa, que sob a pressão da violência se rende ao ato reprodutivo dominada pelo medo”⁶⁴.

Em outro texto de Paulina Luisi, intitulado *Para una mejor descendencia*, de 1919, sua afinidade com a esquerda política se torna mais evidente. Após discutir os efeitos degenerativos do alcoolismo, da tuberculose e da sífilis, e apresentar possíveis soluções, a autora conclui o texto com a seguinte passagem⁶⁵:

Em suma, cabem todas aquelas reformas destinadas a combater as três terríveis pragas mencionadas, bem como a melhorar as condições de vida da classe proletária, que, digna de seu nome, é escassa em recursos, abundante em descendentes. A plataforma eleitoral apresentada ao povo pelo Partido Socialista nas últimas eleições tem enfrentado corajosamente muitos destes problemas com a altura e o conhecimento de causa dignos da elevada finalidade prosseguida pelos seus esforços, notavelmente orientados para a obtenção do mais amplo bem-estar e da maior felicidade de nossa espécie.

Christine Ehrick⁶⁶ argumenta que Luisi passou a adotar uma postura mais suave em relação à eugenia a partir de 1916, porém, ao longo das décadas, essa posição foi se atenuando ainda mais. Em seu texto de 1919, *Para una mejor descendencia*, já se percebe, na análise da autora, uma mudança de perspectiva, com uma abordagem mais preventiva da eugenia, enfatizando a educação, o acesso à saúde e a melhoria das condições de moradia e trabalho, em vez de apoiar práticas como esterilização e aborto eugênico, como em 1916. Essa alteração de posição fica evidente quando os dois textos são comparados.

A título de comparação, como mencionamos anteriormente, um importante eugenista latino-americano que modificou sua posição no quadrante político da eugenia foi Renato Kehl⁶⁷. Segundo Vanderlei Sebastião de Souza, Renato Kehl, em sua primeira fase (1917–1927), pode ser enquadrado como neolamarckista de direita, visto que seguia o lema “Sanear é Eugenizar”, lutando principalmente contra os efeitos degenerativos potenciais do ambiente.

⁶⁴ Ibid.

⁶⁵ LUISI, Paulina. *Para una mejor descendencia*. Buenos Aires: Casa Editora Juan Perrotti, 1919, p. 29, tradução nossa.

⁶⁶ EHRICK, Christine. *The shield of the weak: Feminism and the state in Uruguay, 1903-1933*. New Mexico: University of New Mexico Press, 2005, p. 100.

⁶⁷ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019.

Conforme Souza, “Concentravam-se, portanto, no combate aos ‘ambientes eugênicos’ e doenças como sífilis, tuberculose, ancilostomíase, malária e lepra”⁶⁸. Em sua segunda fase (1927–1930), Kehl aproxima-se do quadrante mendeliano de direita, passando a defender uma noção inata de raça, endossando o mendelismo como teoria básica da hereditariedade, acabando por defender medidas mais autoritárias, restritivas e radicais⁶⁹.

No entanto, questiona-se a adequação do quadrante político da eugenia proposto por Meloni ao contexto latino-americano. É importante reconhecer que o autor desenvolveu esse modelo com base em exemplos de eugenistas europeus e estadunidenses, os quais conceberam suas teorias e práticas eugênicas em cenários científicos, políticos e sociais distintos.

Considerações finais

Os principais argumentos contrários ao quadrante político da eugenia de Meloni⁷⁰ são os seguintes: 1 – o quadrante é simplista e generalizador, dividindo a eugenia em quatro categorias, cada uma com um conjunto de características políticas e científicas associadas. No entanto, a realidade é mais complexa e fluida; 2 – os eugenistas nem sempre se enquadram perfeitamente em uma única categoria; 3 – o quadrante não leva em conta o contexto histórico e político. A eugenia é um fenômeno social e cultural que se desenvolve em contextos específicos. O quadrante de Meloni ignora essa consideração, o que pode levar a interpretações imprecisas a respeito da história da eugenia; 4 – o quadrante é eurocêntrico. Meloni baseou seu modelo em exemplos de eugenistas europeus e estadunidenses. Isso pode limitar sua utilidade para compreender a eugenia em outros contextos, como o latino-americano.

Os exemplos de Paulina Luisi, Belisário Penna, Roquette-Pinto e Renato Kehl ilustram alguns dos problemas do quadrante de Meloni. Paulina Luisi, apesar de ser uma feminista liberal e defensora do socialismo e das reformas sociais, também apoiava políticas de eugenia negativa, como esterilização e aborto eugênico. Renato Kehl, ao longo de sua carreira, passou por mudanças em suas posições sobre eugenia. Inicialmente, poderia ser considerado tanto um neolamarckista de direita quanto de esquerda, defendendo o saneamento como meio de melhorar a raça, mas também preocupado com os perigos da degeneração racial. Posteriormente, aproximou-se do mendelismo de direita

⁶⁸ Ibid., p. 87.

⁶⁹ Ibid., 185.

⁷⁰ Ibid.

e defendeu medidas mais autoritárias e restritivas. Belisário Penna, ao analisar sua trajetória intelectual, pode ser associado a um espectro político de “esquerda”, devido ao seu nacionalismo militante reformista, embora sua abordagem neolamarckista pudesse ser vista como alinhada a uma perspectiva de “direita” se considerada dentro de um contexto político.

Esses exemplos sugerem que o quadrante de Meloni pode ser útil para compreender algumas tendências gerais da eugenia, mas não deve ser aceito como uma interpretação única. É fundamental considerar o contexto histórico e político específico em que a eugenia se manifestou, assim como as nuances das posições individuais dos eugenistas.

Os exemplos de intelectuais sul-americanos que promoveram a eugenia revelam que o quadrante proposto por Meloni não é universalmente aplicável. Isso ressalta uma das principais conclusões de Mark Adams, que enfatizou que “[...] a eugenia era um movimento único e coerente, principalmente anglo-americano, com um conjunto específico de objetivos e crenças comuns”⁷¹. Acreditar em uma abordagem única para a eugenia é ignorar o contexto político e cultural variado em que ela se desenvolveu e foi adotada em diferentes países. Além disso, seria negligenciar as ações de instituições e suas relações com diversas autoridades políticas e setores da sociedade, incluindo empresários, industriais e civis. Nota-se, portanto, a importância dos estudos de casos para a interpretação da eugenia em seus contextos políticos e culturais para possibilitar comparações históricas. Apesar da coerência do modelo em alguns casos específicos, os estudos de casos e análises comparativas da eugenia latino-americana revelam que o quadrante de Meloni perde a sua eficácia.

Conforme discutido, essas questões não são novas nos estudos sobre eugenia, e tais problemas de pesquisa vêm sendo debatidos há mais de três décadas. A partir do capítulo 4 de seu livro *Political Biology: Science and Social Values in Human Heredity from Eugenics to Epigenetics*, Meloni demonstra clara consciência desse debate. O autor não hesita em contextualizar as experiências tanto da esquerda mendeliana quanto da esquerda lamarkista dentro do argumento político do quadrante. Ao mesmo tempo, ele reconhece que essas discussões ilustram como as opiniões científicas influenciaram a política e moldaram as agendas políticas⁷².

⁷¹ ADAMS, op. cit., p. 217, tradução livre.

⁷² MELONI, op. cit., p. 131.

Referências

- ADAMS, Mark. Toward a comparative History of eugenics. In: ADAMS, Mark (Org.). *The Wellborn Science: eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990.
- BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.
- CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *O saneador do Brasil: saúde pública, política e integralismo na trajetória de Belisário Penna (1868-1939)*. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro: 2019.
- _____. Sanear é eugenzar: a eugenia “preventiva” de Belisário Penna a serviço do saneamento do Brasil, 1920-1930. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 29, n. 3, p. 645-660, 2022.
- CASTRO-SANTOS, Luiz Antonio de. O pensamento sanitariano na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.
- EHRICK, Christine. *The shield of the weak: Feminism and the state in Uruguay, 1903-1933*. New Mexico: University of New Mexico Press, 2005.
- KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.
- _____. *Sexo e Civilização: Aparas Eugênicas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.
- _____. *Como escolher um bom Marido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ariel Editora LTDA, 1935 [1924].
- KLAUSEN, Susanne; BASHFORD, Alison. Fertility control: Eugenics, neo-malthusianism, and feminism. In: BASHFORD, Alison; LEVINE, Philippa (Orgs.). *The Oxford handbook of the history of eugenics* (Oxford Handbooks). Oxford: Oxford University Press, 2010.
- KÜHL, Stefan. *The Nazi connection: Eugenics, American racism, and German National Socialism*. New York: Oxford University Press, 1994.
- LEVINE, Philippa. *Eugenics: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

LUCASSEN, Leo. A brave new world: the left, social engineering, and eugenics in twentieth-century Europe. *International Review of Social History*. [S.l.], v. 55, n. 2, p. 265-296, 2010.

LUIZI, Paulina. *Algumas ideias sobre Eugenia*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1916.

----- . *Para una mejor descendencia*. Buenos Aires: Casa Editora Juan Perrotti, 1919.

----- . *Pedagogia e Conducta sexual*. Montevideo: El siglo ilustrado, 1950.

MELONI, Maurizio. *Political biology: Science and social values in human heredity from eugenics to epigenetics*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016.

MOTTIER, Véronique. Eugenics and the State: Policy-Making in Comparative Perspective. In: BASHFORD, Alison; LAVINE, Philippa Levine (Orgs.). *The Oxford Handbook of the History of Eugenics* (Oxford Handbooks). Oxford: Oxford University Press, 2010.

NICOLADELI, Angelo Tenfen. Tradução comentada do artigo de Paulina Luisi publicado em 1916, “Algumas ideias sobre Eugenia”. *Revista Brasileira de História da Ciência*, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 233-248, 2022.

----- . *O pensamento de Paulina Luisi (1875-1950) em “Algumas ideias sobre eugenia”*: uma análise das potencialidades para discussão de história da ciência na educação científica. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) PPGECT/UFSC. Florianópolis: 2023.

PAUL, Diane. Eugenics and the Left. *Journal of the History of Ideas*. [S.l.], v. 45, n. 4, p. 567-590, 1984.

PENNA, Belisário. *Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna na Universidade do Paraná*. (Fundo Belisário Penna, DAD-COC). 2 ago. 1921.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em Busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico Brasileiro (1905-1935)*. Rio de Janeiro: FGV Editora e Editora Fiocruz, 2017.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. *Revista Brasileira de História da Ciência*, [S.l.] v. 1, n. 2, p. 146-166, 2008.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019.

Leonardo Dallacqua de Carvalho; Angelo Tenfen Nicoladeli

STEPAN, Nancy Leys. *'The hour of eugenics': race, gender, and nation in Latin America*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

Artigo recebido para publicação em 11/07/24

Aprovado em 24/07/24.